

## O CONCEITO POSITIVO DA VIDA; O DESTEMOR DE AMAR; O EQUILÍBRIO ENTRE ATIVIDADE E PASSIVIDADE

Saudações, meus queridíssimos amigos. Que cada um de vocês seja abençoado. Abençoada seja esta hora. Um conceito positivo do universo como uma força e destino benigno para o homem, a liberdade e a falta de medo de amar e um equilíbrio saudável entre atividade e passividade – tudo isso forma um todo abrangente para que a pessoa fique em harmonia consigo mesma e com a vida, e assim se realize em todos os aspectos possíveis. Todos os três aspectos dependem do despertar e da ativação do centro mais profundo do homem, do núcleo que chamamos de Eu Real.

Nenhuma destes três facetas é possível se o eu real não for ativado. Enquanto o ego exterior for o único motivador da vida de uma pessoa, será impossível ter confiança na natureza benigna da vida; impossível não ter medo de amar; impossível instaurar um equilíbrio saudável entre atividade e passividade. Vamos examinar isso mais de perto. Um conceito saudável da vida significa um conceito verdadeiro da vida. E um conceito saudável da vida significa o conhecimento e a experiência da vida como algo extremamente benigno. Sempre que o homem se afasta da verdade, ele experimenta a vida como uma força hostil, como algo de que precisa se defender. Já vimos isso muitas vezes neste nosso caminho. Quando vocês atingem as regiões mais profundas do ser interior, vocês vêem que, de alguma maneira, existe sempre um conceito negativo da vida.

Há uma interação direta entre as suas falhas, seus defeitos e um conceito negativo da vida. Sempre funciona nas duas direções. Como vocês são levados e controlados pela força destrutiva acionada pelo conceito negativo da vida, ampliam necessariamente a crença negativa, por menos que tenham consciência dela. E por causa da crença negativa se colocam na defensiva em relação à vida, e assim perpetuam a tendência destrutiva.

Na última palestra falei sobre a necessidade de transformar as falhas e defeitos de caráter. Vamos entender exatamente o que é necessário para possibilitar essa transformação. É claro que o primeiro passo é sempre a consciência desses defeitos. Isso não é fácil – no entanto, uma vez adotada a atitude correta, absolutamente não é difícil. Uma vez que vocês tomem consciência de defeitos específicos, o passo seguinte é entender a razão de sua existência, entender por que vocês não se livram deles. Quando olham com objetividade e profundidade, descobrem que em todos os casos há uma falha ou defeito que supostamente os protege de algo que acham que vai lhes acontecer. Em outras palavras, vocês tomam como certa uma suposição negativa. Depois de admitirem isso, pode ser dado o terceiro passo, que é questionar a validade dessa suposição. É verdade que aquilo realmente aconteceria se não manifestassem essa falha específica? Vocês precisam formular essa pergunta com exatidão – e avaliar seriamente a possibilidade de isso não acontecer. Ao mesmo tempo, ampliem a sua visão da importância e do efeito que a falha em questão teria sobre os outros, independentemente de ela ser expressa apenas no pensamento e sentimento ou no comportamento de fato. Para querer real e sinceramente se livrar de uma falha, é essencial entender o efeito dela sobre os outros e a

certeza de seu valor como proteção, o que deve se tornar muito duvidoso. Quando não estão tão certos de que esse comportamento faltoso os protege e podem ver que lhes traz mais prejuízo do que benefícios, também começam a ver o prejuízo que causam aos outros. Nesse momento e somente então, desejaram converter a energia investida naquela falha em uma nova atitude positiva, que tomará o lugar da antiga, destrutiva. É assim que ocorre a transformação. Raramente ou nunca ocorre de outra maneira. É impossível transformar alguma coisa que vocês não saibam que existe. É impossível transformar alguma coisa quando vocês não sabem porque mantém essa atitude, quando ignoram sua importância, a crença que está por trás dela e seus efeitos. Enquanto a ignorância persistir, o “passar por cima”, a vaga ideia, a transformação não pode ocorrer.

Tudo isso é impossível de realizar sem a ajuda do eu real, que precisa ser diretamente ativado e contactado pelas faculdades do ego. Sem essa ajuda, a energia necessária, a resistência, o impulso estarão ausentes, de modo que em todos os casos as faculdades do ego precisam estabelecer contato com o eu real, o eu interior, para que a iluminação e a visão necessária venham em seguida.

Um segundo aspecto do tema de hoje é a ausência do medo de amar. Qualquer um, neste caminho, mais cedo ou mais tarde, pode ver que por trás da maioria das dificuldades e conflitos existe o medo de amar. Isso pode assumir formas diversas em cada um; e mesmo com a mesma pessoa pode aparecer sob um disfarce diferente nas várias expressões da vida.

O mundo todo em geral, está ciente da necessidade do amor, desde tempos imemoriais. Todos os ensinamentos sobre a verdade postularam que o amor significa liberdade, paz, vida. Ausência de amor significa escravidão, conflito morte. Cria inquietação, ansiedade e infelicidade. Se todos os ensinamentos espirituais importantes, inclusive a moderna ciência na forma da psicologia e da psiquiatria, estão de acordo quanto a esse fato, por que, mesmo assim, o homem acha tão difícil entregar-se de todo coração e sem medo à corrente que brota de seu interior? O molde natural da existência é um estado de amor. Mas o homem consegue encobri-lo e desfigurá-lo em muitas formas de existência não naturais e trabalhosas. Todos esses desvios e subterfúgios afastam o homem do centro onde o amor é um fato natural, um fato que não requer esforço e flui com a leveza de qualquer fenômeno natural.

Quando o homem atrapalha esse fluxo, é unicamente porque tem medo dele. Há muitas definições de amor que o homem busca em vão, partindo da premissa de que precisa de uma definição teórica e de um entendimento intelectual para que o amor entre em sua alma vindo de fora. Essa é uma abordagem igualmente tortuosa, deformada e errônea, pois não é preciso um conceito intelectual, não é preciso uma definição, e seguramente não é possível produzir amor como um fator externo. O amor existe em forma perfeita dentro de vocês.

A única definição útil é saber que qualquer coisa que promova unidade, inclusão, expansão, união, qualquer coisa que concretize a natureza benigna do universo é amor e perpetua o amor. Qualquer coisa que ignore a natureza divina e benigna do universo e da vida, e que, portanto caminha na direção da exclusão e da separação, é o oposto do amor e perpetua necessariamente o oposto do amor. O oposto de amor é a não vida – vários graus de morte, pois existem vários graus de morte, assim como existem vários graus de vida. O oposto do amor perpetua o medo. No entanto, o homem teme a vida, a paz e a liberdade de amar, e se atém às forças de separação que existem em seu interior do não amor como um dispositivo de salvação e proteção. É preciso urgentemente entender isso, pois a maioria de vocês, que trabalha com sucesso no caminho da realização, já chegou

ou está prestes a chegar a uma área de si mesmos onde encontrarão algo que talvez tenham ignorado totalmente até agora. Podem ter se iludido acreditando que amam, ou podem ter uma vaga ideia de uma recusa interior ao amor, mas nunca enfrentaram de fato ou entenderam de verdade que essa é uma realidade concernente a vocês. Dificilmente esse é um fato geral que se aplica a toda a personalidade, exceto aos loucos. Mas o homem comum tem muitas áreas em que não ama e tem medo de amar. Se existem problemas na vida interior e exterior, será evidente que eles são devidos à recusa de amar em alguns aspectos relacionados com problemas específicos. Quando ocorre esse reconhecimento, muitas vezes é útil comparar a atitude da pessoa de recusar-se a amar com as áreas onde ama. A análise e comparação das duas atitudes que resultam na vida exterior também vão revelar como é falso o medo de amar e como é seguro e benéfico amar. As áreas em que vocês descobrem a decisão de não amar também revelarão em um exame mais detalhado, a razão da resistência que é o medo de amar. Essa percepção é de importância crucial, e não deve em hipótese alguma ser menosprezada ou tratada superficialmente no seu trabalho de autoexame. É necessário que coloquem isso em palavras exatas: “Aqui, nesse ou naquele aspecto, eu não amo, contendo o desejo de amar porque tenho medo do amor.” Nesse momento, vocês ainda não sabem por que isso acontece. Talvez se sintam tristes. Talvez se sintam perplexos. Perguntem-se: “Do que tenho medo?” Podem surgir algumas respostas parcialmente válidas; em parte pode ser uma explicação teórica e superficial que talvez não percebam como um lugar comum. Talvez surja a resposta de que vocês ficam mais vulneráveis à mágoa quando amam. E mesmo ao dizerem isso, não parece uma resposta convincente. Se pensarem de maneira profunda e honesta, terão de admitir que isso absolutamente não é verdade. Outra resposta talvez seja o desejo de vingança, de atingir os outros e a vida como um todo. Isso pode estar um pouco mais perto do ponto que vocês precisam encontrar o que tem de ser plenamente reconhecido, aceito e entendido. Mas não explica tudo.

Toda a questão reside na terceira faceta do tema desta palestra. Antes de passar para isso, quero dizer que assim como é impossível transformar uma atitude, conceito ou característica de negativa em positiva contando exclusivamente com o ego, sem recorrer às faculdades do eu real, isso ainda é mais verdadeiro quando se trata do amor. O amor não é apenas uma qualidade que reside no ego. O ego tem outras funções. Tem as funções da vontade, do discernimento, da ação. Mas não possui a faculdade do amor. A faculdade do amor é um processo de sentimento com origem unicamente no eu interior. É por isso que o amor não pode ser intelectualizado, conceitualizado e entendido em termos de processos intelectuais como muitos procuram fazer. É um sentimento que precisa ser permitido. Dar ao eu a plena permissão para amar inclui não apenas a percepção do eu interior, mas também um conceito positivo da vida e do universo. Pois se fosse verdade que a vida é hostil e que priva o homem, o amor seria, de fato, uma faceta perigosa. No entanto, se for verdade que a vida é benigna, libertadora e generosa com o homem, se ela for a favor e não contra o homem, o amor não apenas não é perigoso, como é a única maneira possível de existir em paz e harmonia com os fatores presentes no universo. Portanto, meus amigos, é absolutamente necessário que vocês relacionem o medo de amar com o seu conceito e expectativa negativa da vida, e a ausência de medo com um conceito e expectativa positivos e benignos da vida. Será interessante observar como uma só pessoa pode em algumas áreas da vida estar em total harmonia com a realidade, possuindo assim confiança contínua na vida, e como resultado disso, sua capacidade de sentir amor está bem desenvolvida. Outras consequências da experiência favorável nessas áreas são inevitáveis, mas raramente dão origem ao exame desse fato e sua comparação com as áreas em que a experiência de vida é infeliz, onde exatamente o contrário é verdadeiro. Essa interação direta e ligação causal precisa ser conscientizada e deve ser observada tanto quanto possível.

Somente quando vocês colocam à prova e literalmente testam a natureza positiva da vida é que podem convencer-se dela. Nesse momento abandonarão o isolamento, a separação, ódio e medo, sentimentos abrangidos pelo não amor. Admitam, ao menos, a possibilidade de começarem a testar a natureza benigna da vida e, portanto do homem, pois ambas são iguais.

Isso nos leva ao terceiro aspecto dessa tríade, que é o equilíbrio saudável entre atividade e passividade. Há muito tempo, quase no início destas palestras, falei sobre as forças ativas e passivas no universo. Embora naquela ocasião eu tenha falado de uma série de fatores válidos a respeito desse tópico, não era possível ir muito fundo na questão, nem mostrar as ligações com outras facetas da vida interior do homem, como faremos agora.

Muitos de vocês, meus amigos, já descobriram no decorrer do trabalho de autoconhecimento uma estranha e inexplicável desvalorização da atividade e uma igualmente estranha e explicável atração pela não ação. Em alguns esses desejos são mais fortes que em outros, mas independente da forma e grau em que aparecem, é necessário entender esse aspecto da psique humana. O anseio pela passividade significa que a pessoa acha a passividade um estado desejável, que parece prometer a paz que o homem inconscientemente confunde com o estado de ser, enquanto o estado de atividade representa uma tarefa, uma dificuldade que vocês temem não conseguir realizar e que, portanto desejam evitar. Por que isso acontece, meus amigos?

Em primeiro lugar, é importante entender que isso é uma distorção e uma má compreensão da dualidade. É confundir aspectos fragmentados do estado de união e separá-los de seus fragmentos complementares. Na maneira dualista de experimentar a vida, a atividade e a passividade parecem opostos. Na realidade do estado mais elevado de consciência – o estado de ser – a atividade e a passividade se misturam. É igualmente verdadeiro dizer que o estado saudável de atividade é também passivo e que o estado saudável de passividade é também ativo. Somente no plano dualista isso parece ser uma contradição. A melhor maneira de demonstrar esse fato em termos da sua vida cotidiana é lembrar que toda atividade saudável que realizam é descontraída, fácil, sem esforço, o que parece conotar qualidades passivas. A descontração, o movimento expansivo da ação não tem tensão e possuem um ritmo de paz, se podemos falar assim. Se esse ritmo de paz for fragmentado, se for sentido como uma partícula e não como um todo, pode dar a impressão de passividade. Da mesma forma, podemos examinar a questão pelo outro lado, pela outra faceta dessa união de forças. Quando vocês se encontram num estado passivo saudável, jamais é um estado estático sem movimento. Sei que eu já disse isso com relação a outras questões, mas preciso repetir para ressaltar a importância do que está por trás desta palestra. Na passividade saudável, ou no estado de ser, existe a ação do movimento – o ritmo do universo, o movimento de paz que não é tenso.

O equilíbrio do princípio ativo/passivo precisa dominar todos os processos criativos do universo. Não se pode conceber um processo criativo sem que as forças ativa e passiva se harmonizem, se complementem, reforcem uma à outra. Isso se aplica a toda atividade saudável e direcionada da sua vida no plano da existência onde vocês atuam. Isso se aplica às manifestações mais evidentes desse princípio, como o equilíbrio entre o trabalho e o lazer. Mas cada uma dessas facetas contém tanto o princípio ativo como o passivo. O trabalho realizado por um organismo saudável flui sem esforço, enquanto o lazer não poderia ser revigorante e revitalizador se fosse estático, sem movimento. Se fosse assim, seria a morte, e a morte não pode revigorar. Apenas a vida revigora. E a vida é necessariamente movimento, como eu já disse tantas vezes.

Quando existe distorção e dualidade, a atividade e a passividade parecem opostos, como acabei de dizer. Portanto, um parece ser movimento, o outro parece ser não movimento. Um parece tencionar, o outro promete alívio da tensão. Em outras palavras, voltamos à dualidade básica do bem e do mal. Uma faceta parece boa, desejável; a outra parece má, indesejável.

Muitas vezes a atividade é sentida como indesejável porque ela exige uma direção, um senso de responsabilidade. Exige a identidade da personalidade madura que sabe lidar com suas limitações e com as limitações da vida que vão se apresentando de tal forma que essas limitações aos poucos são eliminadas. Se o homem se identificar totalmente com seu ego, a ação é assustadora, porque o ego não está equipado para realizar a ação direcionada sem ser motivado, levado, guiado pelo eu real. Ele simplesmente não tem as condições necessárias. Assim, quando o homem não está em contato com o eu real – por mais que diga isso da boca para fora –, quando ele bloqueia suas manifestações imediatas, sente medo da atividade, com todas as exigências que esta faz. O estado de não atividade, ou o estado estático, passa a parecer desejável porque não faz nenhuma exigência, não contém expectativas nem obrigações que o homem teme encarar.

É igualmente verdadeiro afirmar que quando o homem se identifica exclusivamente com seu ego, evita ou menospreza a existência de uma parte mais universal em si mesmo, ele também tem medo igual da passividade. Pois o estado passivo, para ele, implica impotência. O estado passivo implica impotência quando, do outro lado da moeda, a atividade é rejeitada, temida e evitada. Nesse caso, a impotência é uma consequência natural, um resultado direto. Se vocês não agem propositalmente no interesse das leis universais dentro de si, ficam impotentes; tornam-se vítimas de circunstâncias fora do seu controle. Consequentemente é comum o homem encontrar-se numa situação que em certo nível evita a atividade por medo de não ser capaz de atender a suas exigências; por outro lado teme igualmente o estado passivo, mesmo sua versão saudável, pois tudo fica confuso, e passa a ser super ativo como compensação em um nível alienado e não naquele inicialmente indicado.

Com essas ideias que estou expondo, meus amigos, vocês podem perceber uma ligação muito importante entre o conceito negativo da vida, que também implica o conceito do seu eu mais profundo, pois ambos são idênticos. Se vocês desconfiarem da natureza do seu eu mais profundo, se tiverem medo dele, como poderão entrar em contato com ele? A única salvação e solução, nesse caso, seria concentrar todas as energias e forças no ego exterior, desligando-se cada vez mais do eu profundo e seus poderes que dão vida. Assim se obrigam a entrar no estado de amor, em parte porque aprenderam que isso é o que se deve fazer e querem cumprir os regulamentos da sociedade e do mundo que os cerca; em parte para cumprir as exigências de sua consciência mais profunda que não pode jamais ser totalmente sufocada; e finalmente, mas não menos importante, para atingir determinadas metas, como obter afeto, amor, aprovação, respeito, aceitação, sentimentos sem os quais não é possível viver. Assim, se obrigam a amar com o ego, o que naturalmente está condenado ao fracasso. Como eu disse anteriormente, o ego não pode dar a vocês esse poder. Não pode dar aquilo que não possui. Sempre que sentem amor genuíno, este vem do ser mais interior, quer ou não vocês admitam sua existência no plano da consciência. Portanto, essas correntes de amor entram na sua personalidade quase que pela porta dos fundos, por assim dizer. Mas quando isso é impossível, porque a porta está bem fechada, vocês se desligam do revigoramento da corrente vital do amor, com crescentes sentimentos de vazio, impotência, desespero e isolamento. Tentam combater esses sentimentos com o ingente esforço de procurar amar com o ego. Esses esforços os deixam exauridos, e quanto mais exauridos ficam, mais recusam a atividade, que parece acrescentar tensão à exaustão. Em seguida,

caem na passividade que parece um alívio e assim, passa a ser um estado desejável, mas que jamais os preenche, mas os torna vazios, insatisfeitos, cada vez mais assustados, como acontece com todas as falsas soluções. Quanto mais buscam esse via, maior se torna a apatia, pois, a essa altura a passividade saudável se transformou na sua forma distorcida – a apatia. Há pouco movimento e ação revigorante de vida. Qualquer um que já tenha experimentado esse estado sabe que a apatia estática, sem vida, traz consigo um terror bem maior do que qualquer dor viva, mágoa ou infelicidade.

Vejam meus amigos, apenas quando o eu real é contatado e permitido a agir, independente do grau de dúvida, ou resistência, ou medo que tenham dessa possibilidade é o ponto central que precisa ser trabalhado para consolidar todas as dificuldades em um só movimento interior simples e unificador. Sem isso, não é possível descobrir a abundância e a ampla expansão da vida que está sempre disponível para vocês, e na qual podem expandir-se e movimentar-se sem ameaças, e descobrir a realidade do seu ser. Sem a ativação do eu real o amor não é possível, e assim vocês ficam para sempre isolados e desconfiados, mas também não ficam em paz com a sua consciência. Mesmo se o não amor for diminuto em comparação com os vastos aspectos da personalidade nos quais vocês amam, a consciência não os deixará em paz. Isso pode aparecer sob qualquer forma, agindo contra seus próprios interesses.

Enquanto vocês não se identificarem com o eu real interior, não entrem em contato com ele, a atividade não pode ser pacífica e a passividade não pode ser regeneradora. A atividade e a passividade não podem fundir-se em uma só unidade para que suas reações na vida se tornem significativas e descontraídas, e a própria ação se torne algo desejável. Da mesma forma, a passividade não significará a ameaça de impotência, se confiarem em si e na vida. Tudo depende do fato de ativarem – intencionalmente, de maneira precisa e direta – o centro do seu ser mais íntimo.

O que vou dizer a seguir é uma importante chave para essa finalidade. Muitas vezes meus amigos dizem “Ah, sim, se eu pudesse, mas ainda não sou capaz de querer”, e esperam que aconteça um milagre, de dentro ou de fora, para de repente quererem agir de maneira construtiva – ou seja, a intenção afirmativa de ativar o centro interior universal. Vocês esperam como se alguma coisa, que não o eu imediato, fosse impulsioná-los. Isso jamais vai acontecer. Vocês poderiam esperar para sempre até o momento em que disserem “vou fazer isso, eu quero, vou tentar”, independentemente da resistência, da dúvida, do medo. Vocês investigarão a possibilidade de descobrir esse núcleo de poder, inteligência, sentimento e harmonia dando a ele todas as oportunidades, desde que se empenhem nesse sentido, mesmo que agora seja apenas uma possibilidade. De que outra forma a possibilidade poderia tornar-se uma experiência efetivamente vivida? Não pode nem pela teoria nem por algo que aconteça vindo do exterior; só poderá acontecer se vocês fizerem acontecer. Com essa abordagem, tornarão isso possível, mesmo que comecem aos tropeços, até que a realidade se revele gradualmente a vocês. A ação por parte de vocês precisa ser o empenho em conseguir esse objetivo.

Querem fazer perguntas sobre esse tópico?

PERGUNTA: O centro da vida com o qual a pessoa deve se comprometer está localizado nos corpos sutis, nos órgãos ou na estrutura física? Onde?

RESPOSTA: Em todos eles. Ele é a própria vida que transcende tudo onde encontra uma abertura. Por sua própria natureza, não pode estar mais em um e menos em outro, pois na realidade não está num ponto de localização precisa. Para o homem com sua visão ilusória do tempo, de espa-

ço e movimento, ele parece estar localizado no fundo do plexo solar. Esta não é uma ilusão no sentido de que é ali que ele se manifesta mais perceptivelmente, mas apenas porque é ali que o homem é mais receptivo, mais vulnerável, mais aberto. Na verdade, ele flui através de todas as camadas do organismo do homem, da organização que constitui a entidade total. Isso, naturalmente, desde que ele seja ativado e não obstruído pelo organismo. Na medida em que não for ativado, não pode alcançar as camadas externas da personalidade do homem. Em caso de doença física, o corpo ficou inativado por algum tempo nas áreas da doença, devido a correspondentes bloqueios mentais e emocionais, distorções e equívocos.

Quando o homem está doente nas suas perspectivas, nas suas atitudes, e, portanto em sua experiência e manifestação de vida, é nessas áreas psíquicas que o eu real está bloqueado e suas emanções não conseguem penetrar. Pode-se dizer que ele não alcança os níveis da personalidade exterior; é correto afirmar que ele se encontra apenas no fundo do corpo sutil espiritual. É por isso que, há muitos anos, quando vocês começaram neste caminho, eu disse que primeiro o homem precisa penetrar o eu máscara que esconde suas atitudes destrutivas. Ele tem muito medo de fazê-lo, porque acha que esse eu destrutivo é a realidade definitiva de sua personalidade e que seu único bem existe na fachada. É somente quando se vence essa batalha que as correntes destrutivas podem ser liberadas para se reconverter à forma original do eu real oculto que então começa a se manifestar. Essa é a única maneira de transformar o eu real em realidade. Nesse caso, ele pode emergir através das camadas da personalidade externa e sanar as distorções. A pessoa totalmente realizada é vivificada pelo eu real em todos os níveis – os físicos não menos que os emocionais e mentais.

PERGUNTA: Atingi o ponto em que medito para ativar o eu real para fazer com que o amor apareça, e descobri meus equívocos em relação à espiritualidade e o corpo físico. Mas ele continua amortecido. Não consigo ativá-lo.

RESPOSTA: Isso é muito natural, meu amigo. Não se esqueça do quanto esse medo está arraigado em você. Durante quantos anos, já nesta vida, para não falar de outras, você se condicionou a um padrão de reação, a uma orientação e uma maneira de existir, que não podem ser rompidos subitamente? Isso é muito mais verdadeiro do que você tem consciência. Faz pouco tempo que você teve os primeiros vislumbres desse fato, o que é uma enorme vitória no seu caminho. Pouco a pouco, começará a perceber como esse medo está profundamente entranhado em você. Saberá as razões mais específicas desse medo, bem como as razões que você já conhece e que experimentou num nível mais profundo. Quando fizer isso, pouco a pouco, a parede pesada, a névoa espessa, os labirintos da confusão que cobriram o eu real, tudo isso o eu real vai destruir com seus pensamentos fortes e maravilhosos. Você já teve alguns insights preliminares sobre esse medo, mas eles aumentarão à medida que observar como reage ao expressar o desejo de amar com todo o seu ser, também com o seu corpo físico.

PERGUNTA: Você relaciona morte à falta de amor. Como então, você explica a morte física?

RESPOSTA: A manifestação da morte física nesta esfera da existência humana é exatamente o resultado da dualidade. A dualidade é um resultado de conceitos errôneos. O erro significa, em última análise, à volta ao tema desta palestra, a má compreensão da vida e do universo. Portanto, a pessoa acredita que a vida é perigosa, hostil, uma força contra a qual precisa se defender. Essa defesa exclui necessariamente todas as atitudes de abertura, inclusão, movimento em direção ao outro – isto

é, amor. Quando esse movimento está ausente, seguem-se a estagnação, a estase, a não vida – isto é, a morte.

Erro equivale a não amor. Não amor opõe-se diretamente à vida como realmente é, em seu potencial, em sua prontidão à espera de desenvolver-se sempre que tiver possibilidade, porque os conceitos adequados e verdadeiros não estorvam seu caminho. Essa vida é um continuum, um processo em eterno movimento, que somente pode ser sentido quando a psique pessoal acompanha esse processo de movimento. Essa é uma equação matemática.

PERGUNTA: Isso eu entendo, mas sei que estou destinado a morrer mesmo se for capaz de amar.

RESPOSTA: Não, trata-se de graus. O homem está num estágio intermediário de evolução. A entidade não vem de um estado total de não amor, onde existe uma quantidade muito pequena de vida – vamos dizer a vida inorgânica estaria mais perto de um estado de vida sem nenhum amor – e vai para um estado de amor total, onde já não existe nenhuma divisão, nenhuma clivagem, nenhum falso conceito, onde a consciência universal está totalmente realizada. Portanto, onde não existe dualidade, consequentemente não existe vida versus morte. São estágios muito lentos de evolução.

PERGUNTA: No meu Pathwork, descobri que nunca amei nada nem ninguém, minha única maneira de amar é neurótica. Ouvindo a sua palestra, fiquei interessado em descobrir meu eu real a esse respeito. Você poderia me ajudar?

RESPOSTA: Aconselho-o a perguntar a si mesmo especificamente até que ponto você acredita que a vida está contra você, para que não ouse amar. Escreva as ideias que tiver, descrevendo-as detalhadamente. Em que aspectos específicos você supõe que a vida está contra você.

PERGUNTA: Em todos.

RESPOSTA: Mesmo assim, não basta admitir isso de uma maneira tão geral, pois isso também não é exato. É preciso especificar. Depois que fizer isso e olhar o que escreveu, poderá começar a especular. Pergunte a si mesmo: “será que estou errado, talvez não seja assim.” Você precisa admitir a possibilidade de estar errado. É muito frequente a pessoa ficar num beco sem saída no nosso caminho porque não se livra de uma conclusão errada. Já fez a constatação, já sabe que em princípio ela é errada, mas mantém a conclusão, alegando que “isso é o que sinto”, esperando ter um sentimento diferente, sem fazer nenhum esforço. Isso só pode acontecer quando ela questionar seriamente suas conclusões e admitir que estas podem ser diferentes, levar em conta essa eventualidade. O questionamento de uma premissa deve ocorrer depois que a premissa for enunciada em termos muito claros: “espero que a vida seja desse ou daquele jeito, pelo menos no que me diz respeito.” Em seguida, você abre espaço para a verdade que jamais poderia entrar nas câmaras fechadas dos seus equívocos sombrios e melancólicos em relação à vida e à sua natureza mais íntima.

PERGUNTA: Recentemente todos nós perdemos um amigo que era muito ligado ao nosso trabalho. Será que nós poderíamos entrar em contato com ele?

RESPOSTA: O que importa não é entrar em contato com uma determinada pessoa no mundo não físico, mas que todos os seres, estejam onde estiverem, estejam em contato com aquele cen-



tro do eu mais profundo, que é universal. Tudo o mais entra nos eixos e une aqueles que buscam o amor. Estabelecer contato dessa maneira não é necessário, nem ajuda de fato nenhum dos envolvidos. Desloca a ênfase do que é importante para o que, na realidade, não é importante. Sei que algumas pessoas vão ficar decepcionadas com essa resposta e podem acreditar, equivocadamente, que isso é uma forma de desprezo ou desatenção. Essa atitude parece uma negação por causa do conceito que elas ainda têm sobre a vida e porque o eu ainda não está voltado para o entendimento universal. Um dia, elas verão que de fato existe muito mais verdade e amor em dar ênfase a tudo que promove o contato com a única coisa que importa – o autoconhecimento. Nesse momento, o amor entre as pessoas acontece de maneira saudável e natural, da melhor forma possível. O contato com pessoas desencarnadas não pode ser realmente satisfatório, nunca. Leva sempre a algum tipo de fuga da ênfase que é tão importante. Muitas vezes isso é feito para atenuar a dúvida e a dor, mas não é duradouro nem genuíno.

PERGUNTA: Mas o contato não daria força à pessoa falecida?

RESPOSTA: Não, não. Qualquer pessoa voltada para o desenvolvimento e o crescimento tem todo o contato necessário em seu próprio mundo. A mesma lei existe lá e aqui. Quando vocês não querem ir além de suas limitações e conceitos errôneos, ninguém no mundo pode ajudá-los. Vocês sabem disso perfeitamente. Mas no momento em que quiserem, a ajuda virá de todos os lados. Por que seria diferente em outra dimensão de consciência? O amor dá força, que pode se estender e ampliar, não importa onde estejam as pessoas. Para isso, não é necessário o contato manifesto.

Que o amor e a força e a verdade cresçam em vocês, em seu ser mais profundo. Na medida em que deixarem isso acontecer, ficarão suscetíveis ao amor, à força e à verdade que vem dos outros para vocês, que está no ar que os cerca, no ar que vocês respiram. O seu olhar vai mudar. As suas conclusões e percepções vão mudar na medida em que o amor, a força e a verdade do eu mais profundo se unir aos dos outros. Fiquem em paz. Fiquem com a verdade. Fiquem com vocês mesmos!

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.